

“Poesia comprometida com a minha e a tua vida”: Thiago de Mello e a recepção de sua obra em Barreirinha, no Amazonas¹

“Poetry committed with mine and your life”: Thiago de Mello and the reception of his work in Barreirinha, in Amazonas

FERREIRA, Paulo Afonso Nunes²

Universidade do Estado do Amazonas

SILVEIRA, Diego Omar da³

Universidade do Estado do Amazonas

Resumo

Thiago de Mello é certamente uma das grandes personalidades literárias do Amazonas no século XX. Isso contrasta, porém, com a pouca circulação de sua obra poética entre os amazônidas, com o desconhecimento de sua poesia entre grande parte da população de Barreirinha – terra natal do escritor e para onde ele retornou nos anos 1980, após o exílio – e mesmo com sua imagem negativa entre os barreirinhenses. A presente pesquisa busca investigar a relação da obra de Thiago de Mello com o Amazonas e Barreirinha e sua recepção nessa cidade do médio-baixo Amazonas, partindo da discussão entre literatura e história. Para tanto, foi realizada uma leitura de conjunto da obra poética desse autor e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com artistas, difusores culturais e professores de Barreirinha, pessoas que tiveram relação com a pessoa e com a obra do poeta.

Palavras-chave: Literatura, História, Thiago de Mello, Amazonas, Barreirinha.

Abstract

Thiago de Mello is certainly one of the great literary personalities of the Amazon in the XX century. It's contrasts, however, with the not very circulation of this poetic work among the amazon people, with the unknowing of his poetry among most of the Barreirinha population – the writer's hometown and to where he returns in the 1980's, after the exile – and even with his negative image among the Barreirinha people. The present study is the result of an investigation about the relation of the Thiago de Mello work with the Amazon and Barreirinha and his reception in that city of medium-lower Amazon, starting from the discussion between literature and history. Thereby, we start from a reading of the poetic series of this author and we have done semi-structured interviews with artists, cultural diffusers and teachers of Barreirinha, people who had relation with the person and the work of the poet.

Key-words: Literature, History, Thiago de Mello, Amazon, Barreirinha.

¹ Este texto é a versão, revista e atualizada, do Trabalho de Conclusão do Curso, defendido na Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

² Graduado em História no CESP/UEA. E-mail: pauloafonsoferreira0@gmail.com.

³ Mestre em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e professor do Curso de História do CESP/UEA. E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

“O livro quer ser livre como livre é o pássaro que inventa o seu caminho”.
Thiago de Mello. *A poesia dos bichos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002,
p. 27.

Bem no meio de uma imensidão verde, de incontáveis riquezas da fauna e da flora, em uma cidade chamada carinhosamente de Barreirinha – “pátria da água” – nasceu no dia 30 de março de 1926, um menino, autointitulado em várias de suas obras de curumim e ribeirinho, que produziria, ainda jovem, a partir dos anos 1950, uma poesia reconhecida nacional e internacionalmente. Uma poesia que Otto Maria Capeaux qualificaria como espelho do próprio autor: “fulminante como suas imagens, firme como os seus ritmos, melodioso como sua música” (*in* MELLO, 1984b, não paginado). “Filho de caboclos do interior” (cf. MELLO, 1984a, p. 04), Amadeu Thiago de Mello – também tornado ao longo de sua trajetória o filho mais ilustre e cidadão mais famoso de Barreirinha – teve, no entanto, de abandonar ainda na infância seu lugar de origem para estudar em Manaus, embora ressalte em suas memórias o prazer de ter vivido pelo menos alguns meses de cada ano “na floresta, em Paraná do Ramos” (*idem*).

Dessas experiências iniciais, o poeta diz ter tirado “os valores mais fundamentais, que perduram vivos e poderosos até hoje”. A “magia das águas” e da mata, o “dom da amizade”, a descoberta de que “a convivência humana podia ser solidária”. Mas também, na convivência “com as famílias pobres da beira do rio”, a descoberta da injustiça social, aprofundada mais tarde na capital do Estado, onde pôde compreender as razões pelas quais as iniquidades existem (*idem*). Em Manaus, o menino concluiu o seu curso primário e, depois, o que à época se chamava de ginásial. As recordações dessa cidade, em tempos anteriores à Zona Franca, seriam mais tarde estampadas em sua obra *Manaus, amor e memória* (1984c), uma “crônica simples, intimista” que se “pretende guiada pelo alfabeto do amor” para falar do “jeito de viver que tinha a cidade num breve e determinado período histórico”. Um “testemunho que vira louvação quando celebra costumes e práticas sociais da cidade que foi o campo mágico da nossa [sua] meninice e do começo da nossa [sua] mocidade” (MELLO, 1984c, p. 20).

Quando completou os seus quinze anos de idade, recém-saído da adolescência, Thiago foi para o Rio de Janeiro, com o objetivo de ingressar no curso universitário, atendendo ao desejo de seu pai de ter filho médico. Na então capital da República, já aluno da Faculdade Nacional de Medicina, na Praia Vermelha, encontra nova sociabilidade intelectual e surgem as primeiras produções literárias, publicadas no jornal *Correio da Manhã*, por indicação de Carlos Drummond de Andrade e com o aval do crítico literário Álvaro Lins (cf.

MELLO, 1984a, p. 05). De seu envolvimento com a poesia, nasceu uma próspera carreira como escritor, cujo envolvimento nos debates políticos do seu tempo lhe possibilitaram tornar-se adido cultural do Brasil, inicialmente na Colômbia e depois no Chile.

Em sua estada chilena aproximou-se da poesia produzida na América Latina, realizando traduções e intenso “labor com pintores, músicos e poetas, a serviço da integração cultural latino-americana” (MELLO, 2009a, p. 37). Nesse período em que serviu o Itamarati, também consolidou sua opção ideológica socialista, aproximando-se de duas figuras emblemáticas do campo das artes e da política chilena, como Pablo Neruda e Salvador Allende. Com o primeiro, o poeta diz ter aprendido “como é fácil escrever difícil” (...) “O difícil, o que dá muito trabalho, o que demanda esforço cotidiano, é conseguir a simplicidade no ato de escrever literariamente” (MELLO, 1984a, p. 07). Fruto da amizade que estabelece com Neruda, emerge da labuta de Tiago com as palavras uma escrita que, para a escritora cubana Nancy Morejón, “soube levar em sua expressão, por todo o mundo, o canto imemorial dos caboclos, a força telúrica dos barcos e barrancos, o espírito bélico da região e que, ainda hoje, em seu retorno reflexivo à Amazônia, não só espalha seus aromas ao vento mas a fina angústia de quem atesta, com sua palavra sinistra da fome e da miséria (in MELLO, 1998, p. xii).

Com sua posição política definida no campo ideológico das esquerdas, Thiago de Mello teve dificuldades para retornar ao Brasil após 1964, depois do golpe civil-militar que derrubou o presidente João Goulart. Em resposta à violência política redigiu, nos primeiros momentos da ditadura, o poema *Os estatutos do homem*, “que se tornou um dos primeiros manifestos públicos de escritores brasileiros contrários à ditadura e símbolo literário da luta contra a repressão” (SILVEIRA, 2014, p. 01). Depois da experiência do cárcere no Brasil, retornou ao Chile para colaborar como diretor de Comunicação do Instituto de Reforma Agrária, no governo de Unidade Popular promovido por Allende. Experimentou naquele país a violência que se seguiu ao golpe que levou Pinochet ao poder e partiu do Chile para o exílio, inicialmente no próprio continente (PERU) e depois na Europa. Sua apreensão desses tempos difíceis está em seus primeiros livros: *Faz escuro, mas eu canto* (1966), *Poesia comprometida com a minha e a tua vida* (1975), *A canção do amor armado* (1978).⁴

Porém, apesar de boa parte de sua vida ter se passado em outros países, isso não significou um afastamento (emocional e lírico) entre Thiago de Mello, a Amazônia e Barreirinha. Tanto que um tema constante em seus textos e entrevistas será a distância e as

⁴ Mencionamos aqui o ano das primeiras edições dessas obras, que não necessariamente constam com a mesma data nas referências bibliográficas ao final do texto.

saudades da sua terra, no que ele não difere, aliás, de muitos dos exilados. A força desse sentimento e o compromisso que se impunha com sua terra atuaram sobre o poeta para que ele retornasse, conforme seu testemunho:

Voltei para o Brasil um ano antes da anistia (por isso fui preso ao chegar, já sabia que ia ser preso) porque achava que estava ficando doido. Atravessava a ponte sobre o rio Reno, entre Mainz e Wiesbaden (cidade onde Dostoiévski escreveu *O jogador*) e sentia cheiro de pirarucu. Cheiro de pimenta-murupi. Sentia falta da fala, do canto, do jeito de viver de minha gente. Bem, quando anunciei a minha decisão (que tomei ainda na Europa), de que, ao regressar, ia morar na floresta, os amigos discordaram.

Me lembro do meu irmão Ênio, o editor Ênio Silveira, me advertindo:

– Mas lá ninguém lê. A tua voz, tua presença, têm mais força, pesam mais é aqui no Sul.

Tratei de convencê-los:

– Não vou lá para ensinar. Quero e preciso ir é para aprender com a floresta e com o povo que vive nela. Que é parte essencial da floresta. Com as águas, os verdes, as estrelas, o chão onde nasci. Não quero aprender só com os livros, as notícias dos jornais e dos satélites (MELLO, 2009a, p. 42-43).

Completamente liberto, após 1979, com a distensão política dos anos finais da ditadura, Thiago de Mello reencontra a floresta, encampa a militância pelo fim do regime – com o show intitulado *Faz escuro mas eu canto*, com poesias suas musicadas por Sérgio Ricardo e que viaja “mais de dez capitais clamando pela anistia” (idem) – e inicia um novo tempo de sua produção literária, mais focada agora em sua opção de viver em Barreirinha. Enquanto no momento anterior aparecem questões ligadas ao combate mais direto do autoritarismo (cf. TABORDA, 2012), vão predominar nessa nova fase de sua produção as temáticas ligadas à natureza, à preservação da floresta amazônica, ao modo simples de ser e de viver dos índios, caboclos e ribeirinhos. Nasce, nesse contexto: *Vento Geral – Poesia* (1981), *Arte e Ciência de Empinar Papagaio* (1983), *Mormaço na floresta* (1984), *Horóscopo para os que estão vivos* (1984), *Manaus, Amor e Memória* (1984), *Num Campo de Margaridas* (1986), *Amazonas, Pátria da Água* (1987), *Amazônia — A Menina dos Olhos do Mundo* (1991), *O Povo sabe o que Diz* (1992), *De uma Vez por Todas* (1996) e *Campo de Milagres* (1998).⁵ Virão ainda, mais tarde, coletâneas das melhores poesias, livros infantis e seu excelente trabalho de compilação e tradução de *Poetas da América de canto castelhano* (2011).

⁵ As datas citadas aqui citadas correspondem às edições consultadas. Elas foram elencadas em ordem em que aparecem mencionadas nas referências bibliográficas (a exceção do livro *De uma Vez por Todas*, 1996, da qual não encontramos um exemplar disponível), não sendo esta, necessariamente, as datas das primeiras edições de cada obra. Optamos por assim proceder tendo em vista a dificuldade de identificas as datas em que cada livro foi publicado pela primeira vez.

De modo geral, podemos classificar a obra de Thiago de Mello com a obra de um sujeito engajado, um intelectual que evolui de um tipo “rebelde” para uma postura nova, e “conscientemente revolucionária”, segundo Carpeaux (*apud* MELLO, 1984b). Alceu Amoroso Lima, por sua vez, o considerava – em meados da década de 1960 – “um dos grandes poetas do nosso tempo (...) e dos mais típicos representantes da ‘geração de 1945’, a que nasceu para as letras depois da morte de Mário de Andrade” (*in* MELLO, 1979, p. 09). Um autor capaz de pensar “na dor humana, na injustiça, na ausência de liberdade e, portanto, no que há de universal e revolucionário no momento atual de todo o mundo (...) e de si próprio (*idem*).

É, em geral, essa figuração de alguém que assume o compromisso com as causas dos mais fracos e que tenta impor oposição ao poder e à opressão que é ressaltada como seu principal legado literário, como um traço que está em seus primeiros textos, mas que se estende também para a sua obra mais madura. Basta ver, por exemplo, a poesia que abre o livro *Canção do Amor Armado* (1979) em que a Liberdade figura no papel de “irmã do povo, noiva dos rebeldes, companheira dos povos” e a dureza com que o poeta celebra o “milagre de ser e estar no mundo”, como “amanuense”, amordaçando a vida e gravando “em sua noite, com o sangue da madrugada, a dor que ela me deu” (MELLO, 1998, p. 101).

Partimos aqui da definição de intelectual fornecida pelo historiador francês Jean François Sirinelli (2003), que engloba os criadores e mediadores culturais de diversos estratos, mas também sujeitos que atuam como “receptores” (incidindo no debate político a partir das bases e que, portanto, estão igualmente ligados às questões de sua época). Escritores e formadores de opinião (como jornalistas) estariam na linha de frente dos debates de seu tempo, sem que suas vidas ou obras se reduzam a isso. No caso de Thiago de Mello, podemos considerá-lo um poeta/autor engajado, sem com isso reduzir a importância de sua poesia a esse engajamento político característico das gerações que vivenciaram o ciclo das ditaduras no Cone Sul. Cássia Maria Bezerra do Nascimento e Gilson Vieira Monteiro (2011, p. 03), o consideram, em seu trabalho, um ícone da poesia insubmissa, destacando como a partir de *Os Estatutos do Homem* se pode reler o empenho de seu autor no “enfretamento e livramento da opressão detectada pelo poeta e o acolhimento de sua poesia pela coletividade sedenta de verdade”.

Mas é preciso constatar, por outro lado, o caráter polifônico e plural de uma obra que não se resume em um único poema e as influências que com o tempo vão alterando o de estilo e os temas tratados. Sem uma leitura mais global que permita ler seu trabalho em conjunto, a

inserção desse autor na literatura amazonense se limita a uma aparição episódica, através de seu poema maior, com acontece, por exemplo, em *Poesia e poetas do Amazonas*, antologia organizada por Marcos Frederico Krüger e Tenório Telles (2006). Perde-se, com isso, toda a complexidade de um autor premiado nacional e internacionalmente e que foi reconstruindo sua identidade a partir de diversos referenciais, sendo a questão dos Direitos Humanos apenas um dos temas abordados em seus trabalhos.

Essa também pode ser vista como uma questão atrelada ao contexto da produção intelectual, ou como propõe Antonio Cândido (1999; 2002), de interface entre a obra, o autor e uma determinada sociedade. Em seu livro *Literatura e sociedade* esse autor se pergunta sobre um tema que, segundo seu ponto de vista, ainda permanece mal resolvido no campo da história e dos estudos literários, a saber, “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” E, por outro lado, “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CÂNDIDO, 2002, p. 27). Na tentativa de encontrar uma abordagem dialética que supere as explicações mecanicistas, Cândido sugere então considerar a “posição social do artista” como um aspecto da composição da sociedade e de uma estrutura mais complexa que confere ao indivíduo que cria determinada obra e aos grupos aos quais ele pertence “uma função específica” no campo das artes ou da política.

Daí sermos levados a indicar sucessivamente o aparecimento individual do artista na sociedade como posição e papel configurados; em seguida, as condições em que se diferenciam os grupos de artistas, finalmente, como tais grupos se apresentam nas sociedades estratificadas (idem, p. 33).

Assim sendo, parece natural que em momentos em que o autor se distancia da floresta e passa a viver a dinâmica intensa da política na cidade, as experiências provenientes da prisão e as angústias do exílio, sua poesia nasça como uma resposta a essas questões, o que não impede uma comparação metafórica entre o dilema da ação individual/coletiva e a natureza tão presente no processo de formação pessoal do poeta ou a emergência da memória (idealizada?) da infância em um momento marcado pela angústia, como podemos observar nas poesias que se seguem:

Grão de Chão
Folha, mas viva na árvore,
fazendo parte do verde.
Não a folha solta,
bailando no vento
a canção da agonia.

Grão de areia,
quase nada,
inútil quando sozinho.
Mas que é terra,
a terra,
quando o grão é grão
fazendo parte do chão,
esta coisa firme
por onde o homem caminha (MELLO, 1978, p. 13).

Memória
Já não me lembro mais.
E todavia foi
o instante mais profundo
de minha adolescência
(...)
Já não me lembro mais.
Nem seu nome guardei.

De tudo, cinza doce
Daquela imensa brasa,
guardo nos pés o frio
do capinzal molhado (MELLO, 1982, p. 74-75).

Já os tempos do reencontro com Barreirinha parecem ser mediados pelos embates entre as lembranças da infância (o que a paisagem era) e pelo momento presente, pela vida na metrópole e pelo redescoberta do poder da floresta sobre os homens do interior do Amazonas, uma fusão bastante bem representada pela publicação, em um mesmo livro, de duas narrativas que misturam também a prosa e a poesia – *Amazonas, pátria das águas* e *Notícia da visita que fiz no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos* (1987), conforme se pode deduzir dos trechos citados abaixo:

A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida do homem. É o império da água. Água que corre no furar da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que oferta cantando, água que se despenca em cachoeira, água que roda no rebojo, água que vai, ainda bem que começou a baixar, mas de repente volta em repiquete, água de rio que quase não corre, um perigo quando o vento vem, o vento não avisa, água que se agarra no vento para poder voar, água que gosta de ficar parada no silêncio do igapó (MELLO, 1987, p. 22).

(...)

A verdade é que da água de que vem a vida vem a morte também. Não apenas a morte que ronda os naufrágios, a terrível agonia dos afogados. Mas a morte provocada pelas doenças adquiridas na convivência constante do homem com a água. A água poluída das beiradas de rio nas cercanias dos barcos atracados. Água contaminada de vermes e protozoários. Água que o homem suja e, em seguida, usa (MELLO, 1987, p. 55)

(...)

Lá está a mutambeira e, para falar a verdade, um tanto sapeca: apesar de idosa, está de namoro com um açazeiro que veio ficar ao seu lado, cujas palmas, todas ternura, agora estão acariciando bem de leve a face das folhas da mutambeira velha. Velha, mas bonitona. Na frente da casa vê-se um banco de madeira, com pouco mais de um metro de comprimento, de pés fincados na terra. Deve ser o mesmo, penso eu, em que minha mãe, linda nos seus vinte e um anos, sentava-se de noitinha, à espera da lua (MELLO, 1987, p. 87).

Indo do idílico ao terrível, da água bonita dos igarapés à água suja que mata pelas doenças, Thiago de Mello traz também nesse momento um pouco da consciência das mudanças que se processam nas sociedades modernas. O poeta que saiu de Barreirinha, viajou pelo mundo e agora retorna ao mesmo canto para reaprender com a natureza lições que seus ancestrais já haviam tomado das matas. O último trecho, escrito quase trinta anos antes dos dois primeiros ilustra essa aproximação e esse estranhamento entre as gerações.

Mas o intelectual também assume agora uma postura de porta voz da floresta ameaçada, em um contexto (final dos anos 1980 e década de 1990) no qual crescem os debates sobre a preservação do meio-ambiente. Para ele, é

tempo para aprender como é que a floresta é lá nas suas intimidades sombrias, para ficar sabendo bem o que é que a floresta tem, descobrir os encantos que ela esconde; para saber onde e como a mata deve ser tocada, sobretudo saber o que ela não gosta que façam com ela. Como a gente aprende a lidar com o corpo da pessoa amada: devagarinho. É a mesma coisa (MELLO, 1991, p. 25).

(...)

Sem uma modificação do pensamento econômico e das relações econômicas entre os mais diferentes países, há muito pouco lugar para a esperança. É preciso, e é possível, que de repente ou pouco a pouco, países ricos e pobres abram os olhos e descubram que diante do modelo econômico que prevalece, a saída para o planeta é muito pequena (MELLO, 1991, p. 103).

Pelas riquezas escondidas em seu interior a, *Amazônia, A menina dos Olhos do Mundo* (1991) – se revela também em texto forte e bastante cortante, como ameaçada, profundamente desigual. As leituras dos colonizadores, os projetos de desenvolvimento e internacionalização, a resistência dos seringueiros e a luta de Chico Mendes, a devastação do Pantanal, a matança de índios, a crueldade da vida nos garimpos e mercúrio que polui as águas dos rios, nada escapa à leitura atenta daquele que toma para si a tarefa de defender a vida e o solo amazônico. Sua voz é de denúncia, mas também de afeto, de beleza, o que fica patente em suas poesias:

Como um rio
Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa,
de servir de caminho
para a esperança.
E de lavar do límpido
a mágoa da mancha,
como um rio que leva
e lava[...] Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio (MELLO, 1983b, p. 27)

O Animal da Floresta
De madeira (ninguém me crê)
se fez meu coração. Espécie escassa
de cedro, pela cor e por conter
no seu âmago a morte que o ameaça.
Madeira dói? Pergunta quem me vê
os braços verdes, olhos cheios de asas.
Por mim responde a luz do amanhecer,
que recobre de escamas esmaltadas
as águas grandes que me deram raça
e pulsam nas origens do meu ser.
No crepúsculo estou da ribanceira
entre as estrelas e o chão que me abençoa
as nervuras. Já não faz mal que doa
meu bravo coração de água e madeira (MELLO, 2013, p. 103).

Nesse percurso literário, porém, a literatura não se apresenta apenas como ilustração. Ela deve servir, ao contrário, para problematizar as fronteiras estabelecidas entre o ficcional e o real (cf. MIRANDA, 1999), duas modalidades de construção de narrativas capazes de significar as questões que se impõe como desafio às leituras do passado e aos projetos de futuro das sociedades atuais.

História e Literatura

Em um contexto mais recente em que a disciplina História tem ousado romper como os modelos de escrita e com as fontes privilegiadas do século XIX, os textos literários, ficcionais, poéticos e históricos/historiográficos têm se aproximado, não no sentido de que possam ser confundidos, mas na perspectiva de que permitem leituras que se fecundam de maneira recíproca, afinal ambos lidam com a linguagem e buscam “o reconhecimento da experiência vivida” (REIS, 2010, p. 71).

Em sua tentativa de dar fôlego à explicações mais complexas e necessariamente interdisciplinares, os historiadores foram, segundo Sandra Jatahy Pesavento (2008), penetrando no terreno da linguagem, entendendo que

as palavras sempre dizem além da sua função nominativa, eles fatalmente se deparam com o mundo dos significados verbais e com as figuras de linguagem. Pensar além da literalidade do que é dito leva o historiador a encarar a metáfora. Suas fontes são portadoras de metáforas, que se referem a significados de um dado tempo, e é na busca da decifração desses códigos que o historiador se emprenha (PESAVENTO, 2008, p. 111).

Nesse intento, podemos apenas enfatizar “o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos”, sendo necessário nesse caso, “compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal”, ou de maneira contrária (e mais profunda), buscar em “alguns textos literários uma representação aguda e original dos próprios mecanismos que regem a produção e transmissão do mistério estético”. Para Roger Chartier (2000), essa segunda perspectiva nos leva a constatar que “semelhantes textos fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção”, obrigando-nos “a pensar de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam a “instituição literária” (Chartier, 2000). Um determinado texto ou um conjunto deles estaria, assim, disponível para leituras a serem realizadas ao longo do tempo, dialogaria com muitos tipos de leitores e com práticas de leitura distintas e alteraria, ao longo de sua trajetória, não apenas seu próprio significado, mas também a imagem e a representações de seu autor à medida que o tempo passa. Textos, autores e jeitos de ler consagrados em uma determinada época podem ser tornar obsoletos e malvistas em outros tempos e lugares, enquanto novas obras, novos autores e outras práticas de leitura podem emergir em seu lugar.

De acordo com Silvana Seabra (2011), a partir de um conjunto de textos teóricos bastante recentes não parece mais possível separar História e Literatura em campos opostos e contrastantes. Desde de a virada linguística e com o aprofundamento das pesquisas em análise do discurso, “o ponto crucial não é outro senão o reconhecimento do papel da linguagem como construtora da realidade e não mais como meio neutro e passivo” (SEABRA, 2011, p. 30; ver também CARDOSO, 2012). Não se trata, mais, portanto, de uma tentativa de explicar o texto (seja pelo contexto ou por si mesmo), mas de compreendê-lo em relação a diferentes públicos, em tempos e espaços igualmente distintos. Segundo Antonio Celso Ferreira (2013, p. 66), “compreendida dessa maneira, a literatura não documenta o real nem constitui

representação semelhante aos discursos científico, filosófico, político, jurídico ou outros”, mas sim uma forma própria de expressão, “concebida, particularizada em relação a outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais das diversas épocas e sociedades” (idem, p. 68).

A importância da obra do poeta

A importância da obra do poeta Thiago de Mello tem sido ressaltada em diversos lugares e por intelectuais e políticos de várias partes do mundo. Os prêmios que recebeu e sua atuação junto a organismos internacionais como a UNESCO e UNICEF, trabalhando ao lado dos mais renomados escritores do continente sul-americano, deram a ele a legitimidade de um porta-voz da “luta em prol dos direitos humanos, pela ecologia e pela paz mundial” (NASCIMENTO; MONTEIRO, 2011, p. 02).

A polêmica, que veio à tona entre 2013 e 2014, envolvendo a revitalização da orla da cidade de Barreirinha e a destruição de uma das casas construída por Thiago de Mello naquele local reascendeu os debates sobre as contribuições do poeta ao Amazonas, assim como as recentes comemorações pelos 50 anos da escrita de seu poema mais famoso – *Os Estatutos do Homem* – e pelos seus 90 anos de vida, que lhes renderam homenagens do Estado do Amazonas. Como tínhamos interesse em nossa pesquisa em mensurar a recepção da obra do poeta em sua terra natal, realizamos em Barreirinha (AM) entrevistas com diferentes sujeitos, tendo em vista observar as imagens de Thiago de Mello entre alguns artistas, escritores e professores da área de Língua Portuguesa desta cidade – profissionais tiveram contato direto com a pessoa e/ou com as suas obras.

A consciência acerca da importância do escritor aparece em várias falas, sendo compartilhada pelos diferentes entrevistados e pode ser observada na fala do professor de língua portuguesa, Raimundo Lago, que nos diz, logo de início, que “pela importância que ele [Thiago de Mello] tem como um dos maiores escritores e poetas do século XX, ele é universal... qualquer cidade do mundo pode se orgulhar do seu talento que chega a alcançar o sentimento de qualquer ser humano”. Aqueles que chegaram a conviver de maneira mais próxima com o “Thiago” quando ele retornou do exílio para morar em Barreirinha (1979), reconhecem e enaltecem o homem e seus textos literários, ao qual atribuem uma função direta em suas vidas pessoais e profissionais, ressaltando o quanto a poesia de Thiago de Mello os acrescentou como seres humanos. A professora Day Silva dos Santos, conterrânea e amiga pessoal de Thiago afirma que a obra dele “é de uma importância enorme. Ele se preocupa com

a liberdade humana, onde o nosso Amazonas, o nosso Brasil não sinta mais fome de cultura e de alimento. Ele luta por isso, mas a luta dele maior... é pela liberdade humana”.

Na opinião desses sujeitos, especialmente daqueles que se dedicaram à docência, a poesia desse autor é sem dúvida uma ferramenta indispensável (e útil) que merece ser inserida nos currículos escolares, não só do Município de Barreirinha, mas em todo o Brasil, afinal ela “traz grande riqueza literária e uma capacidade ímpar de tocar os leitores... tem, por isso, valor grandioso pedagogicamente em qualquer lugar”, acrescenta Day. Segundo outra professora barreirinhense, Adriana Alves dos Santos, seus textos podem ajudar a “ensinar a valorização do homem, do ser humano, da liberdade, da cidadania, do respeito pela natureza, do respeito pelo amor, pela convivência, pela amizade (...) então, eu considero assim a obra do Thiago de Mello riquíssima”.

Outros ressaltam, tal como Nancy Morejón no texto de abertura de *Campo de Milagres* (1998), o quanto os versos desse escritor caboclo tem se apresentam ao leitor com vontade de tornar o mundo um lugar melhor para se viver, sendo esse o “verdadeiro objetivo” e a magia de sua poética, fazer com que as pessoas entendam, de maneira simples (às vezes quase banal) sua mensagem e façam uma reflexão a respeito dos temas que ele aborda. O escritor Tiago Hakiy, filho adotivo de Thiago de Mello e, atualmente, um dos articuladores dos escritores indígenas no Brasil, explica que “o Thiago... ele costuma dizer que ele dedicou... que ele dedica ainda a vida dele a algumas causas, uma delas é a união dos povos latino-americanos, a outra é a preservação da floresta amazônica, e na obra dele você pode perceber nitidamente o engajamento por essas lutas”. Essa aposta na poesia aparece nas palavras do próprio poeta, em entrevista concedida à *Revista Direitos Humanos* (2009a), em que afirma que a poesia, articulada às lutas e movimentos sociais, capaz de incomodar os acomodados, torna-se palavra “subversiva, poderosa” que “quando leva a verdade, vira palavração”, capaz de modificar os homens e a sociedade em que vivem (MELLO, 2009, p. 47).

Em vários sentidos, essa vasta obra tem influenciado os conterrâneos de Thiago, que também seguiram o caminho da arte de escrever, em especial da poesia. Juntamente com escritores de outros lugares do Brasil e do mundo, Thiago de Mello tem sido indispensável quando o assunto é construir, através da literatura, uma humanidade mais justa. Essa reflexão aparece, por exemplo, no depoimento de Elpídio Nunes, escritor barreirinhense, quando afirma que “a obra do Thiago hoje – por ser um poeta com a sua poesia engajada, com seus poemas questionadores – ganhou uma dimensão mundial. Thiago hoje está reconhecido como

no livro de Pablo Neruda, no livro de Gabriel Garcia Márquez, grandes escritores que foram premiados com Nobel de literatura”. Outro desses autores com quem dialoga e sobre o qual funda sua apreensão da literatura é o argentino Jorge Luis Borges, a quem Thiago de Mello dedica um livro de entrevistas e de crítica literária. No momento da publicação de *Borges na luz de Borges* (1992), esse escritor era ainda pouco conhecido do público leitor brasileiro, mas sua genialidade é captada e refletida no belo ensaio com que Thiago de Mello prefacia as “conversas”. Borges é, para ele, um homem que cria com a água e o fogo das palavras, um mundo que reúne e resume o mundo real, um reino de imagens e ideias cuja beleza está destinada a perdurar no tempo dos homens” (MELLO, 1992, p. 15).

O sentimento de compartilhamento desse trabalho também apareceu nas entrevistas com os conterrâneos de Thiago, já que com sua poesia e suas aparições públicas o poeta sempre levou adiante o nome de sua cidade – Barreirinha. Isso foi se tornando nítido em nossa pesquisa, na medida em pudemos ver a alegria e o orgulho que as pessoas de Barreirinha que têm acesso aos livros dele sentem ao falar de seu mais ilustre cidadão. Neto Cabral, instrumentista que já musicou seus poemas nos diz que “esse legado que ele construiu, eu vejo as obras como uma relíquia... pro Amazonas... pro Brasil e principalmente pra Barreirinha porque, quando eu digo assim que somos universais, é por ele”. Emblemática é a apresentação de Ana Miranda para o livro *Poemas Preferidos* pelo autor e seus leitores (2009b, p. 11): “Ah, onde anda o nosso Thiago de Mello? Deve estar lá nas barreiras do rio Amazonas, tomando conta pra os gringos não roubarem o nosso tesouro, fazendo as contas. Deve estar conspirando na rede com Çaterê-Maué (*sic*), na tribo do Andirá, tomando conta pra gente não perder o milagre da vida e do tempo”.

Relação da cidade com o poeta

Porém, para que as pessoas reconheçam e entendam o que um escritor e sua obra literária pode oferecer a elas (bem como para sua família, sua cidade), é preciso um investimento profundo em educação. Somente assim se recupera o sentido instituinte da literatura, que ajuda a dar sentido à vida. E em Barreirinha encontramos grandes dificuldades nesse assunto. A funcionária pública Angelita Valente, explica que “ele não é bem visto por muitos, mas isso é a pessoa do Thiago (...) as suas obras são reconhecidas (...) já que ele é um poeta né! Ele trabalho com livros, com literatura e poucas pessoas têm acesso a literatura aqui, poucas pessoas tem acesso a livros”.

Em Barreirinha é bem comum entre a população ouvir relatos negativos a respeito do homem Thiago de Mello, uma má impressão transferida de maneira quase automática para a sua produção literária, que não chega à grande maioria da população. As tentativas do poeta de instituir bibliotecas públicas não foram adiante e quase nada há na cidade que lembre as representações construídas por Thiago sobre Barreirinha e sobre o Amazonas. Nem mesmo seus livros são encontrados com facilidade ali. Day da Silva Santos nos confidencia: “ele diz pra mim que aqui é o único lugar no Brasil (e no mundo) em que as pessoas não gostam dele. Ele não sabe por que e eu disse pra ele... talvez porque ele é uma pessoa assim... que sorri pouco”. Perdura também nesse caso certa ilusão biográfica, uma ideia ainda muito vigente de que artistas e personalidades de destaque têm o dever de manter intacta sua obra, poética ou política, pela linearidade de seus pensamentos e ações, como se não pudessem sofrer as contradições naturais de uma vida e como se suas biografias devessem responder (mais que a média) aos anseios de linearidade que nos são naturais (Bourdieu *apud* Sirinelli, 2003). Nesses casos, faltou ouvir o sábio conselho dado por Otto Maria Carpeaux na abertura de *Horóscopo para os que estão vivos*: “Uma velha experiência nos adverte: não nos aproximar demais, pessoalmente, dos poetas e escritores que admiramos. É quase certa a desilusão, porque botaram tudo nos seus versos, nas suas linhas, e na vida só ficou um homem inacessivelmente seco” (*in* MELLO, 1984, não-paginado).

Seu jeito sério e às vezes ríspido e com uma dureza incompreendida pelas pessoas, motiva certos exageros entre as pessoas que, de antemão, rejeitam a figura e a obra de Thiago, anulando suas tentativas de contribuir com a educação de seus conterrâneos. Nos contatos nas ruas, mesmo com os amigos, sua forma direta de falar, sem rodeios quando não concorda com algo, fez com que fosse construída a imagem de um homem insensível às dificuldades e limites dos barreirinhenses. A professora Jane Pontes nos conta da relação da cidade com o poeta da seguinte maneira: “houve uma época em que ele criou um coral, aí ele era mais ativo... aquele coral se apresentava inclusive. Foi uma época muito boa [...] ele fez um trabalho importante aqui”. Mas em uma cidade onde se lê pouco e em que os ícones acabam sendo aqueles que melhor respondem à sociedade do consumo e à cultura das aparências, inspirada, sobretudo, na televisão, Thiago não figura entre as pessoas mais queridas da terra. Como constata Hakiy: “Thiago só é reconhecido em Barreirinha por umas poucas pessoas... alguns amigos que o leram e que sabem da importância literária do Thiago para o Brasil e para o mundo”.

Existem também críticas direcionadas a ele pelo fato de ser um cidadão barreirinhense importante – um escritor que saiu pobre de sua terra natal para estudar e que conseguiu através da sua arte se tornar bem-sucedido – e ter contribuído pouco para cidade. De modo geral, o que pudemos perceber, foi que o povo de Barreirinha esperava (e ainda espera talvez) que ele edifique coisas mais concretas, físicas, para melhorar a qualidade de vida deles – uma questão difícil de ser abordada em um tempo em que as casas de grande valor arquitetônico construídas por Thiago de Mello (os projetos são de Lúcio Costa) estão abandonadas, sob o risco de desabarem. Neto Cabral, nos apresenta da seguinte forma suas impressões sobre a relação de Barreirinha com seu poeta: “quando ele adquiriu esse conhecimento, esse pensamento pra sair de Barreirinha como muitos filhos hoje saem [...] ele foi em busca dos objetivos dele [...] ele quer que nós também saíamos daqui pra alcançar nosso objetivo com as próprias pernas”. Mesmo aquilo que Thiago de Mello teria para deixar como legado maior à cidade também não é valorizado: sua obra literária. Atualmente, por exemplo, o poder público nada faz para levar adiante o legado literário de Thiago e sua relação com a cultura local (por meio de projetos na área da educação e da cultura). Elpídio Nunes afirma que, mesmo em tempos de acesso facilitado à internet, apenas “um grupo reduzido de pessoas, de estudantes de alunos, de adeptos... de pessoas que gostam da leitura, que têm o hábito da leitura... apenas essas pessoas realmente valorizam e sabem a importância do Thiago”.

Uma equação que poderia ser modificada a partir das bases com textos infantis ou infanto-juvenis do poeta, capazes de colocar em contato gerações distintas que habitam e valorizam o mesmo lugar. Como menciona Adriana Alves dos Santos “poucos são os barreirinhenses que conhecem a obra de Thiago de Mello” e menos ainda os “que sabem que o Thiago não escreve só sobre a Amazônia [...] ele tem obras infanto-juvenis... ele escreve pra crianças”. Seus livros *O povo sabe o que diz* (1992) e *Amazonas, no coração encantado da floresta* (2003) são verdadeiras louvações do jeito amazonense de ser e de pensar, tratando com respeito a cultura popular. Ali estão as referências ao “Calça-Molhada”, ao “Tucuxi dançarino”, ao curupira, Mapinguari e à Cobra-grande. Em outros textos, como no poema “Milagre pelo avesso”, o escritor expressa seu amor ao Andirá, remetendo às suas origens familiares:

Freguesia do Andirá
no coração da floresta.
O pedaço do planeta
onde me penetra a paz

feita de água, verde e vento,
pássaros, nuvens alvíssimas,
corpos sólidos, imóveis,
olhos imensos de espanto.

Freguesia do Andirá,
amor que lanha no meu peito
(...)
Freguesia, árvore humana (MELLO, 1998, p. 113)

“A utopia é melhor que o apocalipse”, ou, a título de conclusão, trabalhos realizados com a obra do poeta

Na contramão do esquecimento, existem, atualmente, professores que usam as obras de Thiago de Mello como ferramenta de ensino-aprendizagem, para somar com outros materiais didáticos e pedagógicos nas escolas de Barreirinha. Mesmo assim, pudemos perceber ao longo da realização das entrevistas que ele é pouco lembrado no momento da elaboração das atividades curriculares e extracurriculares, em Barreirinha e no Amazonas, na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura, mas também em outros campos do saber, nos quais sua literatura poderia aparecer como tema transversal.

Entre professores de sua cidade algumas iniciativas têm surgido, como nos relata Adriana Alves dos Santos: “trabalho Thiago de Mello com seus alunos (...) eu como professora de Língua Portuguesa procuro fazer essa ponte entre a obra dele, entre o que eu conheço com os alunos que estão próximos de mim”. Através das palavras dessa professora é possível detectar, pois, um esforço de valorizar questões locais a partir da escrita do poeta; não apenas a partir de sua figura, mas de seus textos, de sua arte. A mesma professora apresenta também uma reclamação: de que seus poemas só aparecem para os cidadãos em dias de festa, ocasiões celebrativas. Impressão confirmada por Jane Pontes: “nas escolas, eu vou ser bem pontual... nas escolas, a obra do Thiago de Mello ela é muito revisada em época do aniversário da cidade [...] aí normalmente a Prefeitura proporciona gincanas culturais e seus textos aparecem”. Mas no cotidiano nem mesmo o acesso a seus livros é fácil à população. Isso se dá, ao que tudo indica em função do acesso dificultado à cultura, pela falta de instituições mais solidas de preservação da memória. Muito também em função de disputas políticas, pouco se fala de um intelectual que sempre se manteve crítico um às instâncias de poder e à exploração da pobreza da população local.

Nas comemorações do cinquentenário de *Os Estatutos do Homem* e de seu 90º aniversário, Thiago de Mello foi condecorado com vários prêmios, recebeu muitas homenagens e concedeu diversas entrevistas. Na maioria, revela seu desejo de ver seus livros

nas mãos da população amazonense, de onde provém sua arte. De acordo com o poeta, foi “compartilhando as dores e amores do mundo” que ele fez sua literatura. E, nesse sentido ele se sente ainda jovem – um jovem de 90 anos. Sobre sua crença na possibilidade de construir um mundo cada vez melhor, responde: “melhor a utopia do que o apocalipse, não é?”. Ao apontar a falta de sensibilidade social no poetas brasileiros de hoje, Thiago de Mello reforça a crença na possibilidade de construir uma apreensão da realidade em que a poesia ilumine a história (e vice-versa), promovendo uma escrita “comprometida como a minha e a tua vida”, que sirva para colaborar na tessitura de mundo mais amoroso e de um contato mais harmônico entre homem e natureza, “onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como um poema proibido” (SOUZA, 2008, p. 26).

Referências

BELO, André. *História & Livro e Leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CANDIDO, Antônio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3º ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “História e textualidade”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2012. pp. 225-242.

CHARTIER, Roger. “História e Literatura”. In: *Topoi*. Rio de Janeiro: UFRJ, n. 01, janeiro-dezembro de 2000. pp. 197-216.

_____. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à nova História*. Tradução de A. Silva Ramos. São Paulo: Unicamp, 1992.

FERREIRA, Antonio Celso. “Literatura. A fonte fecunda”. In: PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. pp. 61-92.

GUINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira*. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *O Fio e os Rastros: verdade, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KRÜGER, Marcos Frederico; TELLES, Tenório (org.). *Poesia e poetas do Amazonas*. Manaus: Valer, 2006.

LEÃO, Allison. “Quando a mata engole o homem – crítica a um pensamento sobre o homem amazônico a partir de um poema de Celdo Braba”. In: *Intertextos: Revista de Pós-Graduação em Natureza e Cultura na Amazônia da UFAM*. Manaus: EDUA: Valer, nº 3, 2001/ 2002.

MELLO, Thiago de. *Poesia comprometida com a minha e a tua vida*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *A canção do amor armado*. 4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Faz escuro mas eu canto*. 8º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Arte e ciência de empinar papagaios*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983a.

_____. *Mormaço na floresta*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983b.

_____. *Encontro marcado com Thiago de Mello*. Um depoimento concedido a Araken Távora. Rio de Janeiro: Fundação Pró-Memória: IBM, 1984a.

_____. *Horóscopo para os que estão vivos*. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984b.

_____. *Manaus, Amor e Memória*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1984c.

_____. *Amazonas, pátria das águas e notícia da visita que fiz no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. *Amazônia, A menina dos Olhos do Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

_____. *Borges na luz de Borges*. São Paulo: Pontes, 1992a.

_____. *O povo sabe o que diz*. Pequena antologia da sabedoria popular brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992b.

_____. *Campo de milagres*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Amazonas: no coração encantado da floresta*. São Paulo: Cosac Naify, 2003a.

_____. *Os Estatutos do Homem*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003b.

_____. “Entrevista”. In: *Revista Direitos Humanos*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, n. 03, setembro de 2009a. pp. 36-47.

_____. *Poemas Preferidos pelo autor e seus leitores*. 4º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009b.

_____. *Como sou*. São Paulo: Global, 2013.

MIRANDA, Wander Melo (org.). *Narrativas da Modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NASCIMENTO, Cássia Maria Bezerra do; MONTEIRO, Gilson Vieira. “Thiago de Mello: poesia viva e insubmissa”. In: *II Conferência Sul-Americana e VII Conferência Brasileira de Mídia Cidadã: Amazônia e o direito de comunicar*. Belém, 2011.

REIS, José Carlos. “O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção”. In: *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. pp. 63-90.

PESAVENTO, Sandra Jatay. “Fronteira e Ficção: diálogos da História com a Literatura”. In: *Simpósio Nacional da Associação Nacional de História*. História: fronteiras. São Paulo: Humanitas: ANPUH, 1999.

_____. “O mundo como texto: leituras da História e da Literatura”. In: *História da Educação*. Pelotas: UFPEL, n. 14, setembro de 2003. pp. 31-45.

_____. *História & História Cultural*. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SEABRA, Silvana. “De vizinhas tricoteiras a companheiras distantes. Alguns apontamentos sobre o debate entre História e Literatura”. In: *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora: UFJF, v.17, n.1, 2011. pp. 17-37.

SILVEIRA, Diego Omar. “Memórias do cárcere, engajamento e ditadura no Brasil: leituras de Frei Betto e de Thiago de Mello”. Trabalho apresentado nas *IV Jornadas Internacionais de Problemas Latino-Americanos*. América Latina: lutas, experiências e debates por uma integração dos povos. Foz do Iguaçu, Paraná. Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA): 2014.

SIRINELLI, Jean-François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2º ed. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FVG, 2003. pp. 231-269.

SOUZA, Márcio. “A literatura no Amazonas: as letras na pátria dos mitos”. In: *Poligramas*. Revista Literaria. Cali (Colômbia): Escuela de Estudios Literarios de la Universidad del Valle, n. 29, junio de 2008. pp. 09-26.

_____. *A expressão amazonense*. Do colonialismo ao neocolonialismo. 3º ed. Manaus: Valer, 2010.

TABORDA, Dircélia Aparecida. *Representações de engajamento social em poemas de Thiago de Mello, Vinícius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade*. Monografia (Graduação em Literatura Brasileira e História Nacional). Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

Entrevistados:

Angelita Valente. Funcionária pública, graduada em Letras. Fez parte do jogral que Thiago de Mello organizou em Barreirinha quando ela era criança/adolescente. Entrevista realizada em 15/11/2014.

Day Silva dos Santos. Professora aposentada de Língua Portuguesa na rede pública de ensino de Barreirinha e amiga pessoal de Thiago de Mello. Entrevista realizada em 12/11/2014. Tempo de entrevista: 22:25 min.

Elpídio Nunes. Escritor (poeta) barreirinhense. Entrevista realizada em 19/10/2014. Tempo de entrevista: 11:25 min.

Jane Pontes. Professora de Língua Portuguesa na rede pública de ensino de Barreirinha. Entrevista realizada em 13/11/2014. Tempo de entrevista: 18:47 min.

Neto Cabral – Artista, músico e compositor de Barreirinha. Musicou poemas de Thiago de Mello. Entrevista realizada em 19/10/2014. Tempo de entrevista: 12:50 min.

Raimundo Lago. Professor aposentado de Língua Portuguesa na rede pública de ensino de Barreirinha. Entrevista realizada em 12/11/2014. Tempo de entrevista: 21:38 min.

Tiago Hakyi. Escritor barreirinhense e filho adotivo de Thiago de Mello. Trabalha na articulação de autores indígenas. Entrevista realizada em 12/11/2014. Tempo de entrevista: 20:03 min.